

# Versão Nacional

## Coesão palaciana na crise de Lamaison

O episódio da substituição do governador Aimé Lamaison trouxe novamente ao primeiro plano o retrôrido e discreto ministro Octávio Medeiros, que a cada etapa do desenvolvimento do governo do presidente Figueiredo ganha mais importância como eixo de articulações das missões mais delicadas do Palácio do Planalto.

Desta vez, Medeiros coordenou toda a ação de escolha do coronel José Ornellas, identificando a melhor oportunidade para a transição do poder no GDF, uma necessidade que já se impunha há algum tempo, mas com soluções retardadas pela peculiaridade da situação.

Afinal, há dias, o general Medeiros recebeu o então governador em seu gabinete do Palácio do Planalto. Disse-lhe, com franqueza e lealdade, que já era tempo de fazer aquilo que o próprio Lamaison vinha admitindo há tempos: o pedido de demissão. Disse-lhe do constrangimento do presidente (chamado, durante a conversa, de João), amigo fraterno e íntimo do governador. Um abraço, comovido, selou o encontro, e Lamaison ficou de procurar o presidente para lhe expor suas razões.

Medeiros passou a partir daí a identificar o melhor perfil para garantir a continuidade do bom trabalho que vinha sendo desenvolvido por Lamaison. Foi buscar, entre os perfis, um seu colega de turma em Realengo, oficial da reserva do Exército especializado em informações, conhecido por seu tato, capacidade de trabalho e conhecimentos nas áreas de recursos humanos, educação e administração. Ornellas havia trabalhado junto com o general Golbery no SNI, no governo Castello, mas não manteve um relacionamento íntimo com seu antigo chefe, nos últimos tempos. Apesar disso, ontem soube-se que Golbery estava muito bem informado acerca dos acontecimentos, evidentemente que recebendo munição por outras fontes.

O papel de Medeiros é explicado por um integrante da equipe governamental que o conhece e às suas reações: o chefe do SNI não quer ocupar nenhum espaço, não luta por isso, e limita-se a desempenhar o seu papel de assessor qualificado do presidente, o fato de todas as mais importantes decisões do governo passarem hoje obrigatoriamente por seu gabinete é visto como uma decorrência normal da maior coesão do grupo que trabalha junto ao presidente Figueiredo, a partir de recentes episódios, como o conflito nas Malvinas, durante o qual Medeiros foi tornado centro operacional do governo por embaixadores, militares e ministros que o procuravam constantemente.

Acredita-se que, após a transição do governo do GDF, o próximo cenário para a explicação do poder de coordenação do ministro Octávio Medeiros seja a próxima substituição ao seu colega e amigo ministro Danilo Venturini no Gabinete Militar, forçado a deixar aquele cargo privativo de militares da ativa ao atingir o tempo limite de permanência no quadro de generais de brigada, o que ocorrerá em janeiro. A sucessão de Venturini deverá ter um encaminhamento tranquilo, pois já é prevista desde o começo do governo. O general Danilo Venturini era tido como o mais provável governador de Brasília, caso os acontecimentos em torno do coronel Aimé Lamaison não se tivessem precipitado, tornando necessária uma decisão imediata de demissão.

É já objeto de especulações, em Brasília, o destino do ministro-chefe do Gabinete Militar: provavelmente, um cargo ministerial de nível técnico, na área de infra-estrutura. Para seu lugar, no Gabinete Militar, as articulações deverão se encaminhar para um general de brigada perfeitamente entrosado com o restante da equipe e com o ministro Medeiros, tal qual é hoje Venturini. Nesse plano, os candidatos mais fortes seriam, pela ordem, o atual ministro Rubem Ludwig — que assim poderá seguir sua carreira militar — e os generais Paiva Chaves, Newton de Oliveira e Cruz e Santa Cruz. O critério do ministro-chefe do SNI deverá ser, fatalmente, o fator decisório para a indicação do perfil mais adequado.

O ministro-chefe do SNI certamente continuará trabalhando no seu estilo reservado e discreto. Não se deve contar com sua presença em eventos públicos ou sociais — como, recentemente, a festa de aniversário de casamento do casal Costa Cavalcânti — porque não é da natureza do general comparecer a esses acontecimentos. A ausência de Medeiros vai ser um fato mais importante, nesses eventos, do que sua presença, como no caso do jantar dos Cavalcântis, à medida em que o calendário avança para a sucessão presidencial.

A equipe presidencial terá, na substituição de Venturini, um remanejamento parcial, com o deslocamento de alguns ministros. Como deverá ser efetivado apenas em janeiro, haverá tempo suficiente para a absorção dos resultados das eleições e o completo entendimento das praças administrativas que não se integrarem com o novo espírito da última fase do governo Figueiredo, precisamente, a mais difícil e exigente de coesão. Essa fase só terminará na transição do poder em 85, e será definitiva para a afirmação das lideranças internas na equipe do presidente.

Leonardo Mora Neto